

SCENAS DE FAMILIA



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Quem dá lanceirinho novo ao seu menino? ao seu capitãosinho?...

VERANEANDO...

Durante a nossa *villegiatura*, em que temos tido occasião de ficar fartos de poeira, e de caminhos de ferro, e de estalagens sertanejas com pretensões a *grandes hoteis* — no distico da taboleta e nos preços correntes, está bem visto — e de diligencias mais funebres de que os carros do nosso visinho do largo da Abegoaria, que nos levam (salvo seja) ao cemiterio dos Prazeres; depois d'essa *promenade* horrorosa, finda a qual teremos de penitenciar-nos toda a vida e de lavar-nos toda a eternidade — pelo menos; depois de tudo isto, encontrámos emfim um digno emulo do conselheiro Pim!



É o director d'obras publicas, Abreu, de que damos aqui uma copia fiel.



Á iniciativa d'este illustre funcionario se deve a transferencia para o Fayal do engenheiro Andrade, o moço mais distincto e o empregado mais competente que tem dirigido as obras da Batalha.

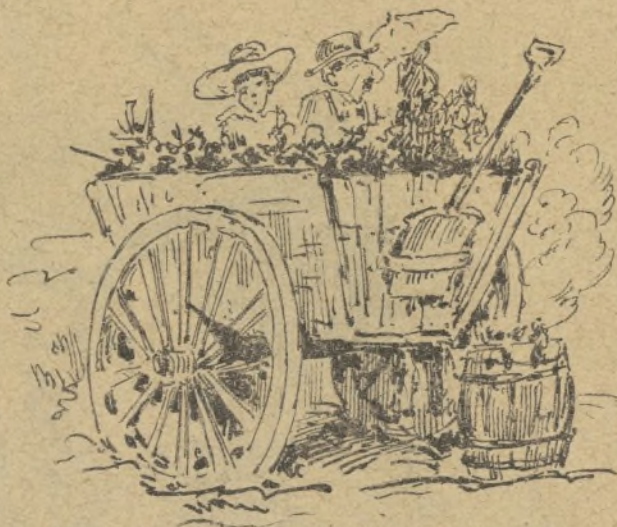
Abreu, que é mais regenerador de que o sr. Fontes e mais monarchico de que o proprio monarcha, fez transferir, por uma questão eleitoral, aquelle intelligente moço, cujos trabalhos de reconhecido valor tivemos occasião de apreciar.

O engenheiro Abreu foi, segundo parece, quem *engenhou* o pardieiro do largo da Abegoaria, conquistando, com tal obra d'arte, o logar de director das obras publicas de Leiria...

No nosso ultimo numero expozemos o meio facil de cada um passar o verão em Pedroços, sem ter o incommodo de sair da sua casa na Baixa.

Offerece-se-nos agora indicar a maneira, nem menos facil nem mais dispendiosa, do indigena gosar a estação *balnearia* na praia da Nazareth.

Bastará metter a familia na carroça do lixo e collocar-se ao pé do mar...



Para explicação do que precede, apresentamos os funcionarios municipaes, policiaes, e de iniciativa particular que mais relevantes serviços prestam na praia da Nazareth...

Quem faz a limpeza das ruas.



Quem faz a policia.



Quem faz de guarda nocturno.



Junte-se a tudo isto o Sergio vadio, no exercicio da sua profissão, e vejam que qualidade de aceio não vae por por aqui...



Depois de tanta nota triste, concluamos pelo contraste formosissimo das frequentadoras d'estas praias...



E, d'ahi, não! Já que negramente começámos, negramente devemos acabar...
Aspecto da iluminação das ruas...



A SEMANA

Lisboa presenciou, em uma das noites ultimas, o espectáculo magestoso a que todos andavamos afeitos nos bons tempos do theatro da Rua dos Condes, e que depois caiu de moda, sendo comtudo brilhantemente resuscitado pela empresa de D. Maria, na epoca passada, com o bello *Drama no fundo do mar*.

Uma trovoada!

Pela hora relativamente adiantada da noite, quando os burguezes, e os que o não são, repousavam já socegradamente no regalo dos lençoes de linho, as crateras celestes, como se diz nos romances de folhetim, escancarando as bocarras enormes, começaram, n'uns arrancos de tosse convulsa, a cuspir sobre a terra os escarros de sangue dos seus relampagos afogueados!

Santa Barbara e S. Jeronymo, os bons e honestos velhotes, que a tal hora dormiam o somno solto das pessoas canonicadas, foram rudemente despertados pelos clamores do indigena, que, por seu turno, tambem saltára da cama, sacudido pelo rugir da tempestade, cujo estampido o lançára de começo no vortice d'um sonho bom, em que o estrondear dos trovões representava o tiro da peça que no Colyseu dos Recreios atira por ares e ventos com as pernas esculpturais e o resto, não menos esculptural, de mademoiselle Elise Mayol...

O indigena, assim arrojado d'um céu de delicias n'um inferno de terrores, deixou a visão magnifica pela *magnificat* supplicante, consumindo em cyrios bentos o que durante uma semana fizera de *cêra* na repartição do ministerio...

E lá em cima, como se Jehovah houvera instituido uma comissão parochial de guardas nocturnos, fusilavam as lanternas de furta-fogo, algumas das quaes, certamente adstrictas a barrigas menos praticas, desabavam sobre nós em caprichosos zig-zags, não conseguindo comtudo assombrar pessoa alguma, por andarem já todos *assombrados* com o governo do sr. Fontes...

Excepto S. Carlos, que, na sua qualidade de santo, tem direito a umas prerogativas mais largas de que os outros simples mortaes, todos os theatros abriram já as suas portas.

Raros ainda nos teem dado peça nova, mas todos nos teem regalado com alguma reaparição.

As appareições teem sido, em todos os tempos, uma coisa a que o publico de Lisboa consagra o maior interesse.

Antigamente havia as appareições de phantasmas, que vestiam de branco, que arrastavam cadeias, que davam gemidos surdos e que acabavam quasi sempre por furtar aos carinhos da familia alguma formosa donzella, que, aliás, tinham geralmente a condescendencia de devolver mais tarde correctae augmentada...

Estes casos de appareições e raptos representavam sempre um *successo*, na genuina acepção da palavra, como estes agora das reaparições nos theatros representam outros tantos *successos*, começando pela reaparição, no Gymnasio, do Augusto Mello, que não nos consta ter-se deixado raptar, e acabando pela reaparição, na Trindade, da Josepha de Oliveira, a quem é certo ter acontecido precisamente o contrario.

Que, afinal de contas, e ao contrario do que fôra para suppor, quem deveras nos parece caso para *successo* é o Augusto Mello.

Ora reparem-lhe na barriga...

O ANTO MARIA

A EXPULSÃO DO PARAISO



Tanto fallaste no *estadulho* que afinal o feitiço se virou contra o feiticeiro...

PARODIA DO QUADRO DE RAPHAEL D'URBINO

Os elephantes estão na ordem do dia. Não tardará mesmo que os jornaes de modas publiquem nos seus figurinos para senhoras *toilettes á elephante*...

O Coliseu abriu as seus espectaculos com esses pachidermes e o Campo de Sant'Anna fechou as suas portas com os mesmos animalejos.

Se bem que da mesma familia, os do Campo de Sant'Anna eram tão leves que bastou largal-os para subirem por essés ares mais ligeiros de que uma penna, ao passo que os do Coliseu são tão pesados que abriram um cavouco no largo do Pelourinho—talvez com o proposito de se sumirem pelo chão abaixo, envergonhados com o espectáculo do frontão municipal...

O elephante mais pequeno não desmente, antes abona, a justa fama de intelligentes que disfructam aquelles pachidermes. Elle canta, elle toca, elle dança, elle faz tudo — menos botar pannos em leques.

Depois de concluido o contrato com o Coliseu, parece que a empresa de D. Maria, attendendo as reclamações d'alguns espectadores, vae escripturar aquelle bicho para tocar as symphonias de abertura em substituição da orchestra que despediu.

Sempre lucraremos alguma coisa...

Quanto ás suas aptidões para a arte de Vestris, o elephante poderá substituir com vantagem, no lugar de director da academia *Fenians*, ao professor Justino Soares, que, para dar á perna nas valsas já vae estando, como vulgarmente se diz, muito... fundilhos de chumbo...

Pelas provas publicas exhibidas no Coliseu, o elephante provou ter, no exercicio da polka janota, tanta elegancia como o sr. Rosa Araujo — se s. ex.^a costumasse polkar de guisos nos tornosellos...

O sr. ministro da guerra dissolveu o corpo de lanceiros n.º 2, como quem dissolve um parallelipipedo de assucar crystallizado, dentro d'uma chavena de café.

O bravo regimento de lanceiros da rainha desapareceu em quanto o sr. Fontes esfregou um olho, de fórma que sua magestade o Anjo já não tem Magriços—nem gorduchos—que quebrem lanças pela sua augusta pessoa, a não ser sua alteza o capitão presumpto, que foi o unico a quem o sr. Fontes poupou no meio d'aquella dissolução geral.

O corpo dissolveu-se, mas o excelso ministro experimentou taes effeitos de susto como se tivesse dissolvido e tomado depois quatro vintens de sal amargo...

Com respeito ao facto de não ter sido dissolvido o capitão presumpto, diz-se ter fundamento na circumstancia de não pertencer o citado presumpto ao corpo do 2, senão para os effeitos do rancho, visto como o seu logar é no 1, onde por signal nunca pôz os augustos pés...

Uns dizem que era do 1, outros que não era; outros que era do 2, outros que não era...

Era e não era e ninguém se entende...

- Mas eis senão quando
Que um novo zum-zum
Nos chega depois:
— Diz que era do 1
E andava lavrando
No corpo do 2...

PAN.

NA PRAIA DE PEDROIÇOS



Henrique Izidro Samora
Quando se encaixa no quarto
Passa lá mais d'uma hora;
De esp'ral-o fica-se farto
Sem que elle saia pr'a fóra!

Mysterio é de crêr que exista
P'ra que o brejeiro do Izidro
Com tal pachorra se vista...
— Vamos vê-o ao claro vidro
Do monoc'lo de chronista...

Afirma a D. Mafalda
Que o brejeirete do Henrique
Tem uma pecha, uma balda:
Esburacar o tabique,
Vêr as banhistas em fralda!



E não lhe escapa nenhuma
Do femenino rebanho!
Tem-n'as visto uma por uma!
— Se elle até não vae p'ra o banho
Sem se munir de verruma!...

Hoje, ao chegar do vapor,
Furou, segundo o costume,
O tabique divisor...
— Par'cia o pobre tapume
O ralo d'um passador!

Alguem ao lado polevilha;
— Certamente airosa dama... —
Izidro o olhar engatilha
Qual p'ra vêr ao cosmorama
A tomada da Bastilha...



Bispa uma perna... Oh! ventura!
Que perna arrebatadora,
Da mais delicada alvura;
— Deve ser d'uma senhora
De respeitavel altura...

Tosca um joelho... — Que bom!
Na fôrma e beleza rara
Mostra que é dama de tom...
Mas n'isto, vendo-lhe a cara,
Solta um grito... Era o Brion!...



Izidro não desanima;
Do outro lado da barraca
Surrateiro se aproxima.
(Despe-se lá D. Urraca,
A sua formosa prima).

— Ella! a mais pura innocencia
Que ha por estes arredores
Quer no fundo ou na apparencia...
Vou vê-la em trajos menores,
As mãos... os pés... — reticencia...



Senhor Deus de compaixão!
Dae-me coragem de ferro
P'ra resistir á emoção...
Eu se a vejo atiro um berro
Que as aves caem no chão...

Isidro sem mais demoras,
Do tabique se avisinha;
Mas faz-se côr das amoras,
Vendo um olho da priminha
Que o espreitava ha tres horas!!!

PAN.



O leitor que ainda não tiver almanach para o anno que vem — e mesmo quem já o tenha, porque isto de almanachs quantos mais melhor — mande comprar o *Almanach Litterario e Artistico*, dedicado a Gomes Leal, que é um interessante livrinho de mais de setenta paginas, custando apenas 80 réis.

Ao todo duas vantagens: adquirir um bom almanach e ficar livre de dois patacos, que é a moeda mais incommoda que tem vindo a este mundo.

THEATRO DE D. MARIA

Sabbado, 4 de setembro, festa artistica de Antonio Pedro

Queríamos registrar-lhe aqui a data da sua festa, mas registrar-lh'a em verso ameno, que não em prosa rude.

Logo, porém, aos primeiros acordes da nossa lyra, a musa esbarrondou com as terriveis palayras de *Pedro*, recita e sabbado, para as quaes não encontrámos rima em portuguez, nem mesmo folheando o dicionario do sr. Castilho, desde a consoante em *a* até á que termina em *uso*!

N'estes termos, vemo-nos forçados a fallar da festa do eminente artista em prosa vil, reservando o verso para o anno que vem — se Antonio Pedro chrismar o sobrenome e escolher outro dia que não seja um sabbado.

DEPOIS DO PECCADO ORIGINAL

